

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

JAQUELINE SANCHES

A Autonomia das Crianças em uma Creche de Santa Bárbara d'Oeste

Campinas
2013

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

JAQUELINE SANCHES

A Autonomia das Crianças em uma Creche de Santa Bárbara d'Oeste

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a obtenção do título de
Pedagoga do curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP,
sob a orientação da Prof^a Dr^a Ana
Lúcia Goulart de Faria.

Campinas
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Sa55a Sanches, Jaqueline, 1991-
A autonomia das crianças em uma creche de Santa
Bárbara d'Oeste /Jaqueline Sanches. – Campinas, SP:
[s.n.], 2013.

Orientador: Ana Lúcia Goulart de Faria.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1.Educação infantil. 2. Criança pequena. 3. Infância. 4.
Autonomia. 5. Creches. I. Faria, Ana Lúcia Goulart de.
II.Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

14-003-BFE

Campinas, Janeiro de 2014

Prof^a. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria
ORIENTADORA

Doutoranda Elina Elias de Macedo
SEGUNDA LEITORA

Agradecimentos

Aos meus pais, que me ajudaram e me incentivaram durante toda a minha graduação.

Ao meu namorado, Bruno, por todo companheirismo e colaboração.

A minha professora e orientadora, Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, por todo o aprendizado em educação infantil, pelo conhecimento compartilhado e por todo o apoio, sugestões e palpites na construção deste trabalho.

A minha amiga leitora, Ana Claudia Caldeiron, por sua ajuda e sugestões na escrita deste trabalho.

A minha segunda leitora, Elina Macedo, por sua grande colaboração neste trabalho.

Ao grupo de TCC do GEPEDISC - Culturas Infantis, pelas trocas de experiências.

Às colegas de trabalho que colaboraram com a minha caminhada por todo o ano de 2013.

Às crianças da turma do Maternal I que, a cada dia, encantaram-me e mostraram suas grandiosidades ainda não conhecidas por mim.

**Dedico este trabalho às crianças com as
quais convivi durante este ano de 2013.**

**“O caminho da autonomia começa cedo, aliás, começa logo. Começa com o corte do cordão umbilical e não termina nunca mais”
(Tonucci, 2005, p.70)**

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no ano de 2013 em uma creche pública do município de Santa Bárbara d'Oeste. Nesse ambiente coletivo de educação e cuidados, o objetivo foi analisar situações de autonomia vivenciadas pelas crianças. A criança é um ser autônomo, que pensa e faz, mas, às vezes, é impedida pelo adulto de agir, em nome de uma superproteção. Nessa creche, as adultas são as monitoras que convivem diariamente com as crianças. Porém, para essa profissão não é exigida a habilitação em pedagogia, apenas o ensino médio concluído. A formação em serviço acontece a partir do PAPI - Programa de Apoio a Primeira Infância – em encontros semanais de formação continuada, que conta com propostas de minicursos, trocas de experiências, palestras, seminários, oficinas, etc. As hipóteses levantadas a partir das observações sugerem que, para o exercício da autonomia das crianças na creche, a monitora, desde uma formação voltada à educação emancipatória, pode proporcionar ambientes organizados para a descoberta do novo. A adulta pode possibilitar e favorecer incentivos para que as crianças exercitem a imaginação, realizem seus desejos e façam suas escolhas, enfim, inventem. Nessa pesquisa foi realizada uma abordagem qualitativa, sendo que a trajetória metodológica aconteceu a partir da observação, registro e análise dos dados, fomentados por leituras da bibliografia da pedagogia da infância. Também, antecipadamente, elaborou-se um roteiro de entrevista que foi realizada com 5 monitoras do maternal I as quais trabalham diretamente com crianças de 1 a 2 anos de idade, sendo 2 delas no período da tarde e 3 no período da manhã.

Palavras-chave: Educação Infantil; crianças pequenininhas; infância; autonomia; creche.

Lista de Imagens

Imagem 1: O cantinho. Data: 13/09/13

Imagem 2: Tonucci, 2008, p. 144

Imagem 3: A cadeira. Data: 13/09/13

Imagem 4: O berço. Data: 13/09/13

Imagem 5: A água. Data: 13/09/13

Imagem 6: As mochilas. Data: 13/09/13

Imagem 7: As chupetas. Data: 13/09/13

Imagem 8: Os brinquedos. Data: 13/09/13

Imagem 9: O parque. Data: 13/09/13

Imagem 10: O refeitório. Data: 13/09/13

Com exceção da Imagem 2, todas as fotos foram tiradas pela autora deste trabalho nos ambientes da creche trabalhada.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - A PESQUISA.....	14
1.1- Motivações e Justificativa.....	14
1.2- Local da pesquisa: A Creche	15
1.3 – Percursos metodológicos	18
CAPÍTULO II – A AUTONOMIA DAS CRIANÇAS	20
O CANTINHO.....	22
A CADEIRA.....	27
O BERÇO.....	28
A ÁGUA.....	30
AS MOCHILAS	32
AS CHUPETAS.....	33
OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS.....	34
O REFEITÓRIO	37
CAPÍTULO III – AS MONITORAS	40
3.1 - A formação profissional das monitoras do Maternal I	40
3.2 – A identidade profissional das monitoras da creche	43
3.3 O PAPI	47
3.4 A autonomia das crianças para as monitoras	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS.....	63
ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	63
ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	64
POSTER	66

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar situações cotidianas de uma creche focando a autonomia das crianças. Considera-se como autonomia o ato de a criança pequenininha expressar os seus desejos: pensar e agir, sem medo de ser reprimida pelos adultos e sem a necessidade de 'pedir permissão' para realizar suas ações.

Na creche, as adultas e as crianças criam relações sociais distintas, independente do sexo, cor, tamanho, idade e, a todo tempo, existe a possibilidade de intervenção das adultas, sem imposições.

Nesse trabalho foram utilizadas pesquisas que buscam criar teorias a partir do coletivo infantil. A formação de professores é um tema amplamente discutido para a melhoria da qualidade da Educação Infantil brasileira, a qual pretende ir além do cuidar. As crianças, desde que nascem, demonstram o que querem e o que não querem, necessitando de atenção para conseguirem que seus desejos sejam realizados e não impedidos de acontecerem.

O interesse pelo tema surgiu em agosto de 2012 quando, no segundo semestre, surgiu a oportunidade de ingressar como monitora de creche na rede municipal de educação da cidade de Santa Bárbara d'Oeste. Ao realizar o trabalho educativo diretamente com as crianças, foi possível iniciar as comparações entre a turma de Maternal II com uma turma de Jardim I, com crianças de 4 a 5 anos, conhecida no primeiro semestre do ano de 2012, durante um estágio remunerado em uma creche pública da cidade de Americana. Mesmo as idades sendo diferentes, foi possível observar que existiam diferenças no tratamento das crianças focado na autonomia das mesmas.

Na creche, em Americana, no Jardim I, havia as crianças que iam ao banheiro (que ficava do lado de fora da sala) sozinhas e sem pedir autorização, seguiam apenas a regra do crachá – existia um crachá para as meninas e um crachá para os meninos, que ficavam pendurados perto da porta, quando queriam ir ao banheiro, as crianças pegavam o crachá e saíam. Se o crachá não estivesse disponível, precisavam esperar. Nas refeições, a partir do cardápio do dia, escolhiam qual alimento queriam; levantavam e pediam mais comida para as cozinheiras sem

nenhuma interferência da professora; jogavam sozinhos o resto dos alimentos no tambor de lixo, colocavam os pratos empilhados no balcão e os talheres (colheres apenas) em uma bacia. Entre muitos outros exemplos, observou-se que, em momentos de brincadeiras, as crianças escolhiam quais os brinquedos queriam ou não dentre todos os disponíveis na sala ou dentre os oferecidos pela professora.

Na creche da cidade de Santa Bárbara d'Oeste, no maternal II, havia crianças de 2 a 3 anos. O banheiro utilizado por elas ficava dentro da própria sala e podiam também ir sozinhos. Mas, às vezes, as monitoras fechavam a porta, pois julgavam que as crianças brincariam dentro do banheiro, por que para elas esse era mais um espaço de brincadeiras. No refeitório, todas as crianças sentavam nas cadeiras enquanto as monitoras serviam o lanche, almoço ou jantar que entregavam na mão de cada uma. Quando terminavam, avisavam as monitoras e essas pegavam os pratos, jogavam os restos de alimento no lixo e colocavam no balde os pratos, canecas e talheres sujos. As crianças só podiam levantar de suas cadeiras com autorização das adultas.

Diante dessa situação, enquanto monitora de creche e estudante do curso de pedagogia, foi possível refletir sobre a autonomia das crianças pequenininhas e a sobre algumas questões acerca desse tema: será que, só porque são crianças pequenas em uma creche, as adultas acreditam que elas não podem ou não sabem escolher o que desejam? Como as monitoras colaboram ou não para o exercício da autonomia? Como as crianças “driblam” as monitoras em favor da sua autonomia? As monitoras possuem formação em educação infantil para realizarem seus trabalhos? Que formação é essa? Essas são algumas questões que inquietaram durante toda a pesquisa.

A pesquisa foi realizada na sala denominada Maternal I, com vinte e duas crianças de 1 a 2 anos junto a 6 monitoras. O percurso metodológico aconteceu a partir da observação, registro e análise dos dados; realizou-se ainda uma entrevista com cada uma das monitoras, exceto com a autora deste trabalho, cujo roteiro encontra-se em anexo; fez-se também o levantamento bibliográfico na área de educação infantil junto a orientadora, Ana Lúcia Goulart de Faria, e do grupo de

pesquisa Gepedisc – Culturas Infantis (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural.)

O trabalho apresenta a seguinte estrutura:

No primeiro capítulo, explicita-se a motivação e justifica-se a escolha do tema; descreve-se o local da pesquisa, a creche observada, seu aspecto físico e humano; e, por fim, demonstra-se a trajetória metodológica.

No segundo capítulo, define-se o que é autonomia, apresentam-se a análise de situações cotidianas na sala do Maternal I e as reflexões sobre algumas ações observadas no cotidiano da creche: as monitoras agem por costume da prática ou por reprodução das ações das monitoras mais velhas? O trabalho educativo é planejado previamente? Como é a relação entre as monitoras? Existe relação de poder entre as monitoras? Como é a relação das adultas com as crianças? As crianças demonstram e realizam seus desejos? As crianças obedecem, mesmo contra a vontade, as monitoras? Existe uma rotina elaborada e 'imposta' na creche pelas adultas?

No terceiro capítulo, há uma análise sobre a formação profissional das monitoras, tanto da que é exigida no ingresso para o cargo quanto da que é oferecida pelo município, além de uma análise sobre o conceito de autonomia a partir da entrevista realizada com as monitoras.

Nas considerações finais, existem algumas reflexões sobre os temas trabalhados nesta pesquisa, evidenciando a importância de formação profissional de qualidade para as profissionais que exercem a docência com as crianças pequenininhas da educação infantil.

Fazer uma pesquisa sobre o próprio trabalho não é uma tarefa fácil. Em qualquer pesquisa é necessário refletir e questionar o que se diz ser comum, mas a dificuldade aumenta quando se precisa refletir sobre nossas próprias ações, nossos próprios pensamentos e concepções. As reflexões, os questionamentos, nasceram e foram fomentados com o percurso metodológico, observações, a orientação e a bibliografia lida.

CAPÍTULO I - A PESQUISA

1.1- Motivações e Justificativa

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu da interlocução entre a teoria, o estágio e as primeiras experiências como profissional. A contradição entre as posturas adotadas em duas instituições em relação à autonomia da criança foram disparadoras das questões discutidas neste trabalho.

No primeiro semestre de 2012, em uma EMEI da cidade de Americana, houve o primeiro contato com crianças de 3 anos e meio a 4 anos de idade, em uma turma de período integral. Observou-se que, na hora do almoço, as crianças faziam fila em frente à cozinha, pegavam colheres e diziam para as cozinheiras se queriam ou não o que estava sendo oferecido. A cozinheira entregava a refeição em prato de vidro e a criança ia sentar-se no banco da sua turma. Depois que terminava de comer, levantava e voltava pra fila para pegar mais da comida quando desejava ou então ia para o lixo jogar o restante, colocava a colher numa bacia com sabão e o prato em pilhas ao lado das colheres. Isso aconteceu desde o início do ano.

No segundo semestre, o contato com as crianças ocorreu em uma creche pública na cidade de Santa Bárbara do Oeste em uma turma de maternal II, na qual as crianças já estavam completando 3 anos de idade. Nos primeiros dias, no refeitório na hora do lanche, uma criança disse que não queria mais a bolacha e esticou o braço tentando entregá-la, acostumada com a outra turma (EMEI de Americana) disse para a menina levantar e jogar a bolacha no lixo. Ela olhou e em seu olhar era possível ver o espanto, olhou para as outras monitoras e não saiu do seu lugar. Foi necessário que jogasse para ela a sua bolacha no lixo.

Essa situação causou questionamentos sobre a autonomia que as crianças pequeninhas vivenciavam dentro da creche. Já tinha sido possível observar que elas conseguiam andar, carregar objetos e jogá-los, mas no caso da alimentação, não lhes era permitido o levantar da mesa. Qual será a formação das professoras e das monitoras que deixam a criança pequeninha dependente e faz com que confiem apenas na autonomia das crianças maiores? As monitoras acreditam que as

crianças têm idade certa para “virarem” autônomas? Por que existe uma superproteção com as crianças pequenininhas?

Diante disso, resolveu-se observar o cotidiano da creche para refletir sobre a autonomia dessas crianças.

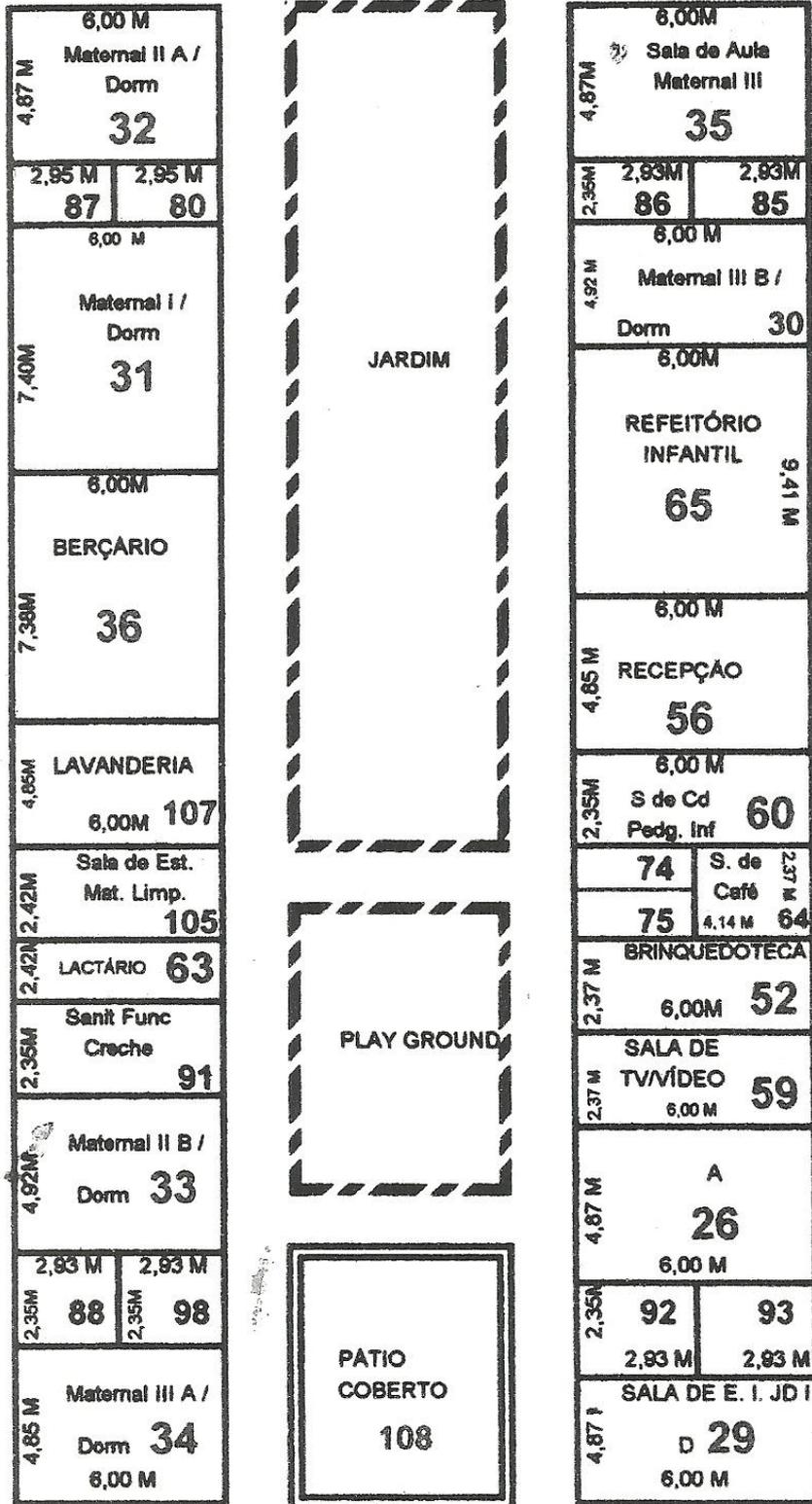
1.2- Local da pesquisa: A Creche

A creche observada é o local de trabalho da autora desta pesquisa, a qual fica localizada em Santa Bárbara do Oeste. Em 1996, foi construído um prédio pelo governo federal para atender a demanda de Educação Infantil do bairro sob a responsabilidade da prefeitura de Santa Bárbara do Oeste. Em 2010, o prefeito Mário Heins alterou a nomenclatura.

Segundo o Projeto Político Pedagógico de 2012 da unidade, a creche atende aproximadamente 150 crianças entre três meses e três anos de idade. Além do bairro em que se localiza, atende também alguns bairros vizinhos. O horário de funcionamento da creche é das 6:30 até as 18:00. Todas as crianças frequentam a creche em período integral e a família tem a possibilidade de escolher entre dois horários de entrada: das 6:30 até 6:45 e das 7:00 até 7:30; além de três horários de saída: 15:30; 16:20 e das 17:30 até as 18:00.

O bloco da creche é térreo e composto por: 1 sala pequena de reunião; 1 sala pequena de estudos; 2 banheiros pequenos de funcionários; 1 depósito; 1 sala de vídeo; 1 sala de educação infantil do período regular; 1 sala de educação infantil de período integral; 6 salas utilizadas pelas crianças da creche (1 berçário; 1 maternal I; 2 maternais II; 2 maternais III); 1 vestiário; 1 lactário; 1 depósito de produtos de limpeza; 1 lavanderia; 1 refeitório; 1 playground; 1 pátio coberto; 1 parque infantil em área gramada.

Planta da creche



Há um total de 30 monitoras. As mais antigas trabalham no período da manhã e as contratadas mais recentemente trabalham no período da tarde, sendo que a escolha do horário é por classificação. Para trabalhar como monitora é necessário apenas ter cursado o Ensino Médio e ter sido aprovada em concurso público para o cargo. Porém, nessa unidade, muitas monitoras já possuem graduação em Pedagogia ou estão cursando. Há também monitoras que possuem graduação em outra área ou estão cursando.

O turno de trabalho é de 32 horas semanais, sendo 30 horas com crianças e 2 horas para participar do PAPI (Projeto de Apoio à Primeira Infância). O PAPI é direcionado atualmente pela Secretaria de Educação Municipal e tem por objetivo desenvolver um trabalho de qualidade por parte das monitoras, pois são realizadas leituras, debates, troca de experiências, reflexão sobre a prática, elaboração de atividades.

De acordo com o PPP, competem à equipe multidisciplinar da Educação Infantil, monitoras e estagiárias, as seguintes atribuições: *cuidar da higiene corporal da criança e da proteção contra temperatura excessiva; dar mamadeiras e servir as refeições nos horários estabelecidos pela creche, estimulando as crianças a alimentar-se; cuidar da desinfecção e da organização do ambiente físico, assim também como da esterilização dos brinquedos; administrar, quando for o caso, medicamentos sob prescrição médica, obedecendo à dosagem e horários específicos; manter as chupetas e as mamadeiras esterilizadas; utilizar as informações já existentes e se necessário procurar apoio da equipe técnica para adquirir mais informações, objetivando conduzir melhor o período de adaptação da criança na creche; proteger as crianças contra acidentes e outros riscos; receber e entregar as crianças aos pais ou responsável; participar e colaborar nas atividades cívicas, culturais e educativas em que a creche estiver envolvida; buscar, numa perspectiva de formação permanente, o aprimoramento do seu desempenho profissional e ampliação do seu conhecimento; prestar os primeiros socorros sempre que necessário; estimular a formação de hábitos de higiene.* (Projeto Político Pedagógico, 2012, p.5-6)

A proposta pedagógica da unidade, segundo os documentos oficiais, está fundamentada na teoria sócio interacionista. Na proposta da escola, o educador é o

mediador do processo ensino-aprendizagem, e o aluno é o protagonista de sua aprendizagem, ou seja, ele só construirá algum conhecimento novo, se ele agir e problematizar a sua ação (Projeto Político Pedagógico, 2012, p. 17).

Ainda no PPP, afirma-se que as atividades educativas devem possibilitar situações que desenvolvam a criticidade, a participação, a cooperação, a autonomia da criança para que ela saiba tomar decisões.

A sala observada é um maternal I, as crianças no início do ano tinham entre 6 meses e 1 ano e 6 meses de idade. A sala tem janelas grandes e pintadas de verde escuro com uma faixa de papel de parede verde clara no centro colocada pelas monitoras. Tem dois berços de ferro brancos; dois armários escuros, que foram encapados com papel de parede verde claro também pelas monitoras; uma pia alta e grande; um galão de água que fica em cima da pia; embaixo dela há um armário com 6 portas com fechaduras numa altura em que as crianças alcançam e conseguem abrir, duas dessas portas estão trancadas com cadeados, pois nelas estão guardados os materiais de limpeza; um espelho grande colocado na altura das crianças; um aparelho de som pequeno; uma televisão e um DVD que é dividido com o berçário; dois trocadores; uma mesa para guardar os colchões longe do chão; 18 colchões em três tamanhos diferentes; um tapete grande e colorido; suporte para pendurar as mochilas dentro da sala, no alto.

1.3 – Percursos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa, sendo que a opção foi o estudo de caso do tipo etnográfico.

O estudo de caso aparece há muitos anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional, mas dentro de uma concepção bastante estrita, ou seja, o estudo descritivo de uma unidade seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula. (André, 2009, p.30)

Para isso, foram realizadas observações na creche focando o tema de pesquisa.

Além das observações, elaborou-se antecipadamente um roteiro de entrevista estruturada que foi realizada com 5 monitoras do maternal I, com crianças de 1 a 2 anos de idade, sendo 2 delas da parte da tarde e 3 delas da parte da manhã.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (Lakatos e Marconi, 2005, p. 197).

Segundo Lakatos e Marconi (2005) a entrevista estruturada:

é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano. (p. 199).

Fez-se um levantamento bibliográfico para ampliar e aprofundar o estudo e as entrevistas, as observações e os pesquisadores do tema foram base para refletir sobre as questões da pesquisa.

CAPÍTULO II – A AUTONOMIA DAS CRIANÇAS

Autonomia. [Do gr.*autonomía*] S.f. **1.** Faculdade de se governar por si mesmo. **3.** Liberdade ou independência moral ou intelectual. **5. Ét.** Condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta. (FERREIRA, 1999, P. 236)

Autônomo. 2. Diz-se de qualquer ato vital, ou movimento, que se realiza sem intervenção de forças ou agentes externos. (FERREIRA, 1999, P. 236)

Segundo o dicionário Aurélio, Autonomia é poder se governar por si mesmo e uma pessoa autônoma é quem consegue realizar qualquer ato sem a intervenção de agentes externos. Na creche, há a criança que pensa e age de acordo com seu desejo, exercendo sua autonomia. Mas, em alguns momentos, não consegue atingir a posição de autônoma, pois suas ações são interrompidas pelas adultas.

As crianças devem ser vistas e ouvidas. Na proposta pedagógica de Freinet, segundo Elias e Sanches (2007), “a criança é descrita como um ser totalmente provido de humanidade: um ser curioso, que pensa, que fala, que sente, que cria, que constrói, que se defende e que interage na sociedade em que vive”. (p.163)

Não é porque é adulto que é melhor e está acima das crianças. Deve-se respeitá-las em todos os momentos e garantir que seus direitos sejam exercidos.

Precisa-se fazer:

da creche um oásis, um lugar onde se torna criança, onde não se trabalha, onde se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças. (Faria, 2003 p.72).

Segundo Faria (2007), as profissionais que exercem a docência com as crianças pequenas precisam buscar estratégias construtivas do pensar com o agir, garantindo a atenção à criança em sua integridade, mas sem sufocá-la com excessos de proteção. Ela faz suas próprias escolhas e para isso precisa pensar livremente.

Neste capítulo, descrever-se-ão algumas situações observadas, em que a liberdade e autonomia das crianças são cerceadas, tanto pela organização dos espaços e das escolhas dos materiais planejados pelas adultas como pela ação repressora das mesmas. Observou-se que as crianças resistem e reagem de forma

criativa e muitas vezes transformadora. As observações foram feitas na creche, no período da tarde, por se tratar do horário de trabalho da pesquisadora.

Fuga - Fernando Sabino

Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

- Pára com esse barulho, meu filho – falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

- Pois então pára de empurrar a cadeira.

- Eu vou embora – foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da dispensa? – a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

- Viu um menino saindo desta casa? – gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

- Saiu agora mesmo com uma trouxinha – informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e – saíra de casa prevenido – uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à Avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia a distância.

- Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arreprou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

- Que susto que você me passou meu filho – a apertava-o contra o peito, comovido.

- Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

- Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

- *Me larga. Eu quero ir embora.*

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala – tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da dispensa.

- *Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.*

- *Fico, mas vou empurrar esta cadeira.*

E o barulho recomeçou.

A crônica Fuga, de Fernando Sabino, vem ilustrar, mesmo que em local diferente, essa pesquisa na creche sobre a autonomia das crianças pequeninhas que pensam e agem para realizar seus desejos e suas transgressões, inadequadamente conhecidas como desobediência e rebeldia.

O CANTINHO

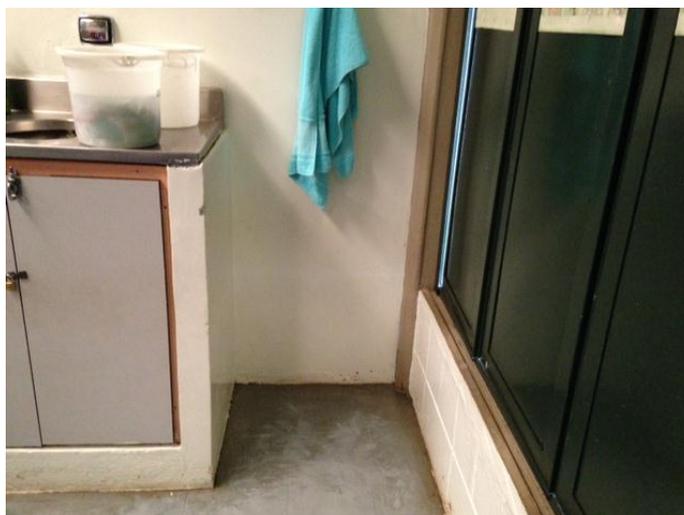


Imagem 1

Na creche, quando as monitoras perdem a paciência com alguma criança, alteram o tom de voz e utilizam o “cantinho” para deixá-la sozinha como forma de disciplinar a criança, assim como faz o pai na crônica de Fernando Sabino, que deixa o filho na sala exigindo que fique quieto. Essa reação diante das ações das crianças é reproduzida diariamente na creche. Será que as monitoras acreditam que a criança aprenderá com o isolamento? Será que elas acreditam que a criança

entende o que está acontecendo e refletirá sobre o seu “erro”? Essas crianças são consideradas desobedientes e rebeldes por que agem de uma forma diferente dos modelos esperados? Qual será a formação dessas adultas, para que ajam dessa maneira, acreditando que estão agindo para “o bem” das crianças? Por que acreditam que o castigo é a melhor forma de aprender sobre o “erro” cometido? No que se baseiam para julgar as crianças? Será que essas adultas se esqueceram de que foram crianças e viveram a infância? Será que foram para a creche? Ou já esqueceram que existem outras formas de ver e viver além das impostas pela sociedade adulta? Porque reproduzem tais práticas de controle?

Para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos. Por isso, tem necessidade de um espaço adaptado aos seus movimentos, de roupa que não atrapalhe, de um chão sólido e de brinquedos que motivem (Tardos e Szanto-Feder, 2011, p.48)

As crianças são autônomas, andam, correm, pegam, jogam objetos, elas estão conhecendo seu corpo, seus limites e realizando seus desejos.

Tem-se a hipótese, jamais provada, mas amplamente aceita, de que a qualidade de vida nesses primeiros anos e as experiências que a criança faz nesse período deixam uma marca permanente na estruturação dos seus processos cognitivos e afetivos. (Musatti, 1998, p. 189)

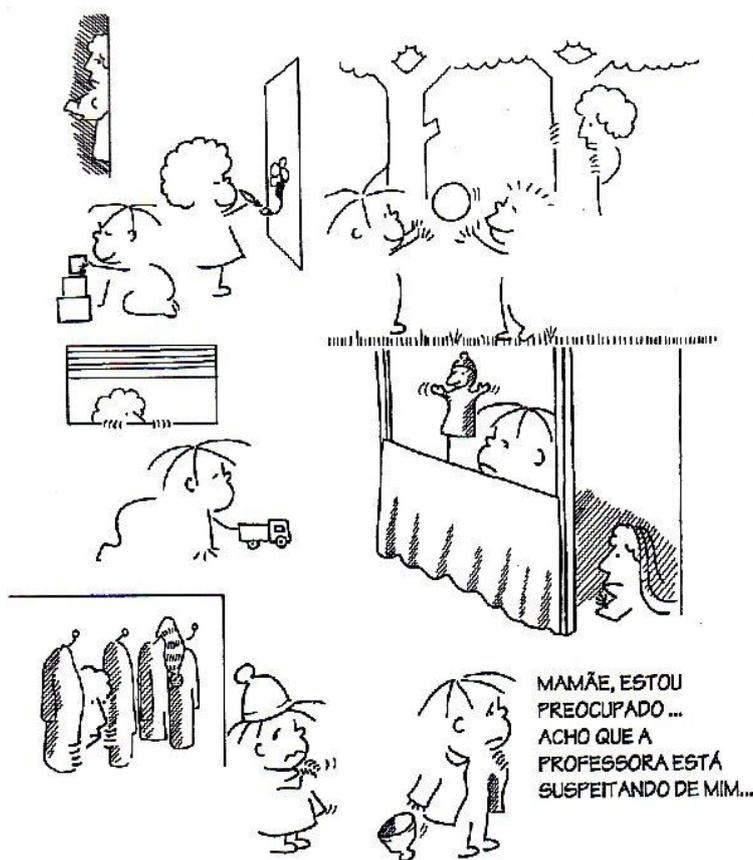
Conforme Musatti, as trocas entre as crianças são ocasionadas pelo processo de interação imitativa ou por ações dirigidas de uma criança à(s) outra(s). Nessas relações, a criança que vê a outra realizando uma atividade ou ajuda ela a realizar (empurrar, puxar um objeto) ou “experimentam” juntas as descobertas. Durante essas trocas aparecem conflitos que devem ser solucionados pelas próprias crianças. Disputas entre elas são muito comuns. Disputam brinquedos, colos, monitoras, copos, espaço e, com isso, as crianças pequenas expressam-se também de outras maneiras e não apenas pela linguagem oral: experimentam pela boca diversos objetos e muitas vezes o colega, dando mordidas; choram também como forma de expressão para além da dor.

Quando se fala em conflitos entre as crianças na creche logo se pensa: essas crianças não têm limites, são rebeldes, mal-educadas, enfim indisciplinadas. (Santos, 2010, p. 45)

As crianças buscam sempre ir além das fronteiras impostas pelos adultos, não aceitam com facilidade um 'não' ou algum tipo de cerceamento. Qual a formação recebida pelas monitoras que leva a atender que essas atitudes são educativas?

E assim, nós adultos tentamos uniformizar o comportamento das crianças, exigindo-lhes obediência, determinando o tempo para brincar, para falar e para o silêncio. (Santos, 2010, p.48)

Para Tonucci (2005), as crianças precisam ficar sozinhas para resolver seus problemas sem a ajuda e o controle dos adultos que, sem ouvi-las, muitas vezes interferem achando que estão resolvendo da melhor maneira. Talvez, por falta de formação que discuta a completude das crianças, as adultas agem de forma a impedi-las de aprenderem a resolver sozinhas, de tomar suas próprias decisões e ainda são obrigadas a fazer o que as adultas querem. O trabalho das monitoras é o de favorecer situações para o inusitado. As crianças necessitam de uma organização que favoreça o brincar, em que elas mesmas criem as regras sem a obrigação de seguirem aquelas convencionais que os adultos conhecem. As crianças vão além do que o adulto proporciona, são autônomas, autênticas e querem ser ouvidas.



(1979) "Deve-se observar atentamente o comportamento da criança"

144

Imagem 2

(TONUCCI,2008, p.144)

Esse isolamento imposto pela adulta para que a criança aprenda que fez algo errado e não deve mais fazer nunca é, de fato, um castigo. Assim que a criança é obrigada a sentar no 'cantineiro' outras vão atrás da monitora e a imitam, as suas maneiras, brigando também com a pequenina. Porém, "porque aquela criança pode ficar naquele cantinho e eu não?" devem pensar as demais crianças. Depois que a monitora sai de perto, algumas se aproximam da que está no cantinho, olham umas para outras tentando entender o que está acontecendo e a criança que observa se junta a outra no "cantineiro". Percebeu-se que nesse momento aconteceram inúmeras trocas entre elas: começaram a brincar, a rir, outras crianças trouxeram brinquedos e se juntaram, até brigas aconteceram. Essa é uma forma das

crianças resistirem ao isolamento e ao castigo e de brincarem e burlarem as regras adultas.

As crianças estão transgredindo em momentos como esse. Mesmo imitando as adultas, quando essas estão brigando com elas, pensam por elas mesmas e agem conforme seus desejos. As crianças, no coletivo da creche, não conseguem se isolar, mesmo quando é uma condição imposta pelas adultas. Estão sempre brincando, procurando novas atividades, novos parceiros diante de seus interesses. Ver o colega sozinho no cantinho chama a atenção das demais, que se interessam pelo local e pela situação. As crianças vivem em coletivo.

Quando acontece alguma briga, as monitoras veem e mandam todas as outras crianças saírem do local. Nesse momento, em que a criança fica sozinha, ela não gosta, acha chato e sem graça e simplesmente levanta e vai brincar com as outras. Algumas têm medo e quando saem, saem devagar, olhando para as adultas como se quisessem uma aprovação do que estão fazendo (sendo/tentando ser autônoma), esperam cumplicidade das adultas que as apoiam, mesmo que seja apenas fingindo que não veem e logo acham um brinquedo ou uma criança para brincar, esquecem tudo e se divertem. Já outras crianças, quando tem vontade de sair do 'cantinho', saem e vão brincar sem pensar nas monitoras, o importante é o desejo que sentem.

É principalmente nesses momentos que as crianças mostram que são autônomas, pois os adultos as obrigam a fazer algo que realmente não querem e elas os enfrentam dizendo 'não'.

A CADEIRA



Imagem 3

Sempre que as crianças acordam do sono, depois do almoço, veem a única cadeira que há na sala e começam a empurrá-la. Às vezes, apenas uma criança empurra, às vezes, outras crianças aparecem para empurrar também. E, outras vezes, alguma criança sobe na cadeira. Assim que as monitoras veem, tiram o móvel de dentro da sala, advertindo que elas vão cair e se machucar. Durante a retirada da cadeira, algumas crianças tentam segurá-la pelos pés, numa tentativa fracassada de pedir para deixarem o objeto diferente, interessante e legal. A adulta, vista pelos pais e, às vezes, pela secretaria municipal de educação, na condição de cuidadora do bem estar, da saúde e da integridade física das crianças, não permite a possibilidade de alguns desafios, mesmo que para isso precise contrariar a criança e impedi-la de realizar seus desejos. Isso aconteceu durante todo o ano. Para a adulta, a cadeira é símbolo de perigo e, em nome da superproteção, impede a brincadeira.

[...]a criança não é um aspirante a suicida, como parecem acreditar os adultos, mas ela é capaz de enfrentar aquele perigo e o faz com grande sentido de responsabilidade e prudência, adotando comportamentos adequados para enfrentar com sucesso a dificuldade (Tonucci, 2005, p. 72)

É fundamental, para as crianças, a organização do ambiente. Privilegiar espaços e tempos em que as crianças possam correr, pular, descansar e descobrir o

novo é garantir o direito a uma infância na qual as adultas respeitem as especificidades da educação infantil. Nessa organização, se não quer que brinquem com a cadeira, deve-se retirá-la antes de acordarem e proporcionar objetos que interessem tanto quanto ela. Conforme Faria, *“A organização do espaço físico, a construção do ambiente e o escalonamento dos tempos são essenciais para permitir a inventividade infantil e a descoberta.”* (2007, p.285).

Na complexidade de fenômenos que determinam o desejo que a criança tem de ser ativa, é importante destacar a atitude de respeito por parte do adulto por essa atividade. Isso implica a organização de um entorno estimulante em função de cada criança. Além do ambiente, outros elementos são fundamentais. (Tardos e Szanto-Feder, 2011, p.51)

O BERÇO



Imagem 4

Na sala, as crianças começaram a subir nas grades dos dois berços que lá existem. No início, devido ao terrível medo de caírem e se machucarem, mesmo sendo baixo, as monitoras chamavam a atenção e tiravam a criança que estava grudada nas grades. Mas, quanto mais se dizia não, mais crianças subiam mostrando, assim, que seus desejos eram importantes e que não seriam as adultas que as impediriam de realizá-los. Aos poucos, foi-se observando que as crianças, além de gostarem de brincar no berço, empenhavam-se bastante em sua segurança para não caírem, e nunca caíram. As advertências foram diminuindo até cessarem. Agora podem subir, brincar, chamar outras crianças para subirem tranquilamente,

pois não terão suas brincadeiras interrompidas, porque conquistaram a confiança das adultas e mostraram, mesmo contra a vontade delas, o que desejavam.

...a atividade autônoma, escolhida e realizada pela criança – atividade originada de seu próprio desejo – é uma necessidade fundamental do ser humano desde o seu nascimento. (Tardos e Szanto-Feder, 2011, p.52)

Outro fato interessante é quando uma criança faz algo que as monitoras não aprovam. Às vezes, ao invés de pôr no “cantinho” colocam-na no berço. Nesse momento, por ter sido colocada ali, a criança começa a pular, brincar e gritar de felicidade. Um lugar diferente, que nenhuma criança sobe sozinha para brincar, e ela foi colocada ali, é como se fosse um prêmio. As outras crianças, do lado de fora, veem e já começam a interagir: jogam brinquedos e almofadas, a criança que está dentro do berço pega e joga tudo no chão, devolvendo para o grupo. Mesmo não estando todas dentro do berço, a brincadeira entre elas acontece e é um jeito diferente de brincar, é uma nova brincadeira.

Esse é um exemplo típico da transformação da qual as crianças são protagonistas, pois de um diálogo sem fala fizeram um novo jogo, criaram uma nova brincadeira e transformaram o castigo numa curtição.

Durante ou depois da brincadeira, várias crianças ficam ao redor dos berços, grudadas na grade pedindo para serem colocadas lá também. Assim se coloca uma a uma, até todas entrarem ali em apenas dois berços, a alegria é geral, demonstram muita satisfação pelo novo, pelo diferente. Algumas ficam pouco tempo, perdem o interesse e pedem para descer e criar outra brincadeira, outras ficam por um longo tempo brincando dentro desse móvel.

A ÁGUA



Imagem 5

A água filtrada está sempre acessível às crianças
(BRASIL, 2009, p.20)

Para beber a água, as crianças utilizam os copinhos com tampa enviados pelos pais no início do ano. Esses copinhos junto com o galão de água da sala ficam em cima da pia, onde nenhuma criança consegue alcançar. A água é colocada nos copos pelas monitoras e entregue as crianças também por elas.

No início do ano a água era oferecida apenas uma vez durante a tarde e logo depois do jantar. As crianças pouco demonstravam vontade em beber água. Depois do período de inverno, as crianças já estavam maiores e o calor começou. Por ser 3 monitoras e 1 estagiária na sala, havia sempre uma adulta bebendo água. Assim que as viam tomando água, sempre alguma criança pedia. Cada uma do seu jeito, umas já sabiam falar, outras estavam aprendendo e falavam da sua maneira, e outras apenas apontavam na direção dos copos e emitiam sons. Com o crescimento das crianças, a convivência com as monitoras e entre si, elas perceberam onde ficava a água e os copinhos e que, se pedissem, ganhariam. Um momento em que se evitou dar água foi antes da janta. As crianças veem uma monitora enchendo os copinhos para levar ao refeitório e pedem. Por algum tempo ficaram sem água antes da janta para não ficarem sem comer, pois bebiam muito e não tinham apetite. Mas, devido ao calor e à necessidade de tomar água, a solução

foi oferecê-la. Assim, matavam sua sede e não perderiam o apetite da janta. Durante a entrega da água, há algumas frases muito comuns, como por exemplo:

“Senta aqui para tomar a água”;
“Quem não sentar não vai tomar água”;
“Fulano, volta aqui com esse copo”;
“Vai lá sentar pra tomar essa água”...

Isso se dá por que algumas crianças brincavam com os copos e derrubavam a água no chão ou nas próprias roupas. Pelo fato de estarem sempre doentes, não se pode deixá-las molhadas. Além disso, algumas crianças não levam roupas suficientes para trocas. Se cair no chão, vão pisar, esparramar a água com a mão, sujar e escorregar, podendo se machucar. Episódios desse tipo são evitados pelas monitoras para não haver desentendimento com os pais, coordenadora da creche e limpeza.

Já foi pensado na possibilidade de deixar a bandeja com os copos disponíveis numa altura acessível para as crianças, porém, devido a esses motivos, as monitoras não aprovaram a ideia.

Mas, se não tentarmos, como saberemos se as crianças conseguiriam ou não?

A criança exercita-se e move-se fazendo experiências e, assim como coordena seus movimentos e vai registrando, vindas do mundo exterior, as emoções que plasmam a sua inteligência, vai conquistando a linguagem com fadiga, como milagres de atenção e esforços iniciais, que só lhe são possíveis a ela, e com irresistíveis tentativas se vai apoiando sobre os pés, correndo e procurando. (Montessori apud Araújo, 2007, p.127)

É preciso educar as crianças apenas para que possam fazer parte da sociedade. Não mais que isso. Não se deve educá-las para serem passivas.

Estas instituições, assim como toda instituição educacional, convivem com o binômio "atenção/controle" [Nota: 8]: ao mesmo tempo em que é dada a necessária atenção as crianças, elas também estão sendo controladas para aprenderem a viver em sociedade. Cabe garantir que a balança penda para a "atenção" e o "controle" deverá estar voltado, não para o individualismo, o conformismo e a submissão, mas para o verdadeiro aprendizado de vida em sociedade: solidariedade, generosidade, cooperação, amizade. (FARIA, 2003,p.71-72)

AS MOCHILAS



Imagem 6

Cada criança traz a sua própria mochila de casa com suas roupas e objetos de higiene pessoal. No início do ano, elas ficavam penduradas dentro da sala, numa altura inacessível para as crianças. Os lenços e as pomadas eram retirados das bolsas e deixados nos trocadores para uso coletivo. As fraldas eram retiradas todas as manhãs e continham o nome das crianças escrito em cada uma. Nessa situação, as crianças não tinham nenhum acesso às suas bolsas. Uma questão foi levantada, muitos pais e mães não levavam mensalmente os lenços umedecidos e as pomadas contra assaduras para a criança como era solicitado, mas como outros levavam e o uso era coletivo, nunca faltava para quem não levava. A decisão tomada foi a de que cada criança deveria ter na bolsa os seus itens de higiene pessoal. Com isso, cada vez que iam trocar as crianças, precisavam pegar sua bolsa e deixá-la no trocador. Durante as trocas, a criança brinca com sua pomada, mexe na bolsa, pega algum brinquedo guardado, algumas até escolhem a roupa que querem vestir. Esse foi o primeiro contato delas com as próprias mochilas e a partir daí começaram a ter um sentimento maior de propriedade deste objeto.

No meio do ano, uma monitora da manhã comentou: “Precisamos por essas mochilas pra fora, só a nossa sala ainda deixa dentro. Até o berçário colocou do lado de fora.” Sem muitos questionamentos, todas concordaram e as mochilas foram colocadas para fora da sala, distanciando a criança de seu objeto pessoal. Na hora das trocas, as monitoras pegavam todas as mochilas e colocavam dentro de um berço para facilitar o momento. As duas trocas gerais, além das trocas necessárias

durante o período, acontecem depois que acordam e após o jantar. Na volta do jantar, antes mesmo de entrar, as monitoras pegam algumas mochilas e levam para o berço, até pegarem todas. Vendo isso, as crianças começaram a pedir para ajudar e já tentavam tirar uma mochila da mão da adulta. Aos poucos, as crianças foram ganhando a confiança das monitoras e, quem queria, poderia levar sua mochila. Até que um dia, antes mesmo de entrarem na sala, antes das adultas chegarem para pegar as mochilas, as crianças começaram a pegar as bolsas de carrinho que ficavam no chão. Todos os dias, depois disso, as crianças vão correndo pegar as bolsas para ajudar. Algumas aproveitam que não estão sendo observadas e brincam, com as bolsas, de passear pela sala.

AS CHUPETAS



Imagem 7

Na sala, a maioria das crianças chupam/usam chupeta. Algumas nunca quiseram, outras largaram durante o ano. Quase todas deixam uma chupeta na creche e outra em casa. Poucas são as que têm apenas uma e utilizam tanto em casa como na creche.

As crianças, assim que chegam, têm suas chupetas retiradas da boca pelos pais, que levam embora a “chupeta da casa”; ou pelas monitoras que guardam na bolsa ou na gaveta. No início do ano, era comum alguma criança pedir durante o dia a “pepeta”, mas sempre se ouvia ‘*não é hora*’ ou eram “enroladas” e não ganhavam. Em alguns casos, como quando a criança chorava muito, era dada a chupeta para acalmá-la.

A chupeta só era permitida para todos na hora de dormir. Durante o ano foram acostumando com a situação e não pediram mais. Porém, algumas crianças na hora de ir embora, assim que iam para o colo da mãe ou do pai, já pediam ou pegavam a chupeta e colocavam na boca.

Todas ficam guardadas numa gaveta do trocador, a qual as crianças não alcançavam e eram proibidas de mexer.

OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS



Imagem 8



Imagem 9

Nossas crianças têm direito à brincadeira

- Os brinquedos estão disponíveis às crianças em todos os momentos
- Os brinquedos são guardados em locais de livre acesso às crianças
- Os brinquedos são guardados com carinho, de forma organizada.
- As rotinas da creche são flexíveis e reservam períodos longos para as brincadeiras livres das crianças
- As famílias recebem orientação sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil
- Ajudamos as crianças a aprender a guardar os brinquedos nos lugares apropriados
- As salas onde as crianças ficam estão arrumadas de forma a facilitar brincadeiras espontâneas e interativas
- Ajudamos as crianças a aprender a usar brinquedos novos
- Os adultos também propõem brincadeiras às crianças
- Os espaços externos permitem as brincadeiras das crianças
- As crianças maiores podem organizar os seus jogos de bola, inclusive futebol
- As meninas também participam de jogos que desenvolvem os movimentos amplos: correr, jogar, pular
- Demonstramos o valor que damos às brincadeiras infantis participando delas sempre que as crianças pedem
- Os adultos também acatam as brincadeiras propostas pelas crianças

(BRASIL, 2009 p.14)

Contrariando alguns dos critérios para o atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças, os brinquedos, tão adorados pelas crianças, nunca estão ao alcance delas. As caixas com brinquedos ficam guardadas em um armário fechado com três trincos (um em cima, um embaixo e um no meio). Esses são os únicos espaços disponíveis para se guardar os brinquedos, que são escolhidos pelas monitoras para serem disponibilizados para as crianças brincarem. Esses armários são impossíveis de serem abertos aos olhos de adultas, mas possível para elas.

Durante uma brincadeira, três ou quatro crianças encostaram-se ao armário e começaram a bater o bumbum com força, estavam se divertindo com os movimentos e com o barulho. De repente, os trincos se soltaram e as portas se abriram. Ficaram felizes e quiseram mexer nos brinquedos até que foram vistas por alguém que fechou o armário de novo, impedindo-as de escolher os brinquedos que queriam. Essa brincadeira tornou-se muito comum entre eles, ocorrendo várias vezes a abertura do armário.

Outros brinquedos são guardados num armário embaixo da pia, que aprenderam a abrir depois que cresceram e alcançaram o único trinco; outros poucos ficam em prateleiras altas, só pedindo e apontando para conseguirem pegá-los. As motocas, os peixes e os cavalinhos ficam trancados numa sala (são para toda a creche) e a chave fica disponível na secretaria. Há uma brinquedoteca pequena, que serve apenas para guardar os brinquedos, não tendo espaço para levar as crianças para brincar, fica trancada também e a chave apenas na secretaria.

As crianças tem um longo tempo, durante a tarde, para brincarem. Logo que acordam, é ligado o rádio ou a televisão e enquanto a maioria canta e dança, as adultas arrumam a sala, tiram os colchões, colocam os sapatos e trocam as fraldas de algumas. Depois que voltam do lanche, o rádio ou a televisão são ligados novamente e alguns brinquedos ficam disponíveis no chão. Enquanto duas adultas trocam as fraldas das crianças, as outras duas brincam, cantam e dançam com elas. Logo que percebem o desinteresse, disponibilizam outro brinquedo, sem retirar o que já estava com elas e trocam as músicas.

As instituições de educação infantil deverão ser espaços que garantam o imprevisto (e não a improvisação) e que possibilitem o convívio das mais variadas diferenças, apontando para a arbitrariedade das regras (daí o jogo e a brincadeira serem tão importantes, iniciando o exercício da contradição, da provisoriidade e da necessidade de transformações). (Faria,2003,p.70)

No começo da semana é feito um planejamento, no qual se colocam os brinquedos e as brincadeiras que acontecerão em cada dia. Essa rotina é flexível, porém, os brinquedos são sempre escolhidos pelas monitoras. Apenas as músicas, apesar da pouca variedade, são escolhidas pelas crianças. Na hora da escolha dos brinquedos, as crianças não são ouvidas, não podem escolher com o que querem brincar. Mas, quem é que vai brincar? São as crianças ou as monitoras? Quem deve escolher os brinquedos? Apesar de gostarem e se divertirem com todos, porque não podem ter o desejo daquele dia atendido?

Enquanto estão com os brinquedos, mesmo sendo os mesmos, cada criança brinca de um jeito. Algumas brincam sozinhas, outras em duplas e grupos. Às vezes, vão até as monitoras para brincarem, para serem ajudadas com algum brinquedo e, nesse momento, sempre recebem a atenção que desejam. Elas criam suas próprias brincadeiras, inventam significados novos para cada objeto, imitam o adulto e estão sempre inventando.

Pretende-se garantir que as crianças construam a infância, divertindo-se e, para isso, pela observação se conhecerá os seus desejos e as suas necessidades. Ela é radicalmente coletiva: não só entre as crianças construindo culturas infantis; não só entre as professoras construindo a cultura da infância, mas entre adultos e crianças, construindo a pedagogia. (Faria, 2007, p. 286)

Em alguns dias, foram organizados pela creche os passeios, os quais se resumem em uma caminhada, por dentro da escola, quando o tempo é curto; em outros dias é feita uma parada durante o passeio para a brincadeira. As crianças também são levadas a um gramado grande, onde podem correr a vontade, subir e escorregar nas beiradas dos 'morrinhos', são levados alguns brinquedos, da própria sala, mas pelo fato do espaço ser outro e maior, a brincadeira é diferente. Brincam de cavalinho com um bloco de cimento, os sapatos são retirados e ficam todos num canto, algumas crianças, que não sabem colocar seu próprio sapato, escolhem um

do amigo que é mais fácil de colocar e ficam desfilando para mostrar o 'sapato novo'.

Dentro da sala, nos momentos de brincadeira, são realizadas as leituras de alguns livros disponibilizados na secretaria, os livros que ficam na sala são entregues a elas, são criadas histórias pelas monitoras com fantoches e dedoches disponíveis na creche ou de aquisição pessoal, que as crianças adoram pegar e colocar em suas mãos, e brincadeiras como ciranda, trenzinho, pega-pega, etc.

No fim do dia, a ajuda das crianças é solicitada pelas monitoras para guardar os brinquedos. As primeiras tentativas foram difíceis, pois enquanto os brinquedos eram guardados, várias crianças iam até a caixa para retirar e jogá-los no chão novamente. Aos poucos, entenderam a proposta e a maioria das crianças ajuda a guardar os brinquedos, entra embaixo dos berços, dos trocadores, da TV, para pegar os brinquedos que ficaram escondidos. Às vezes, como uma forma de brincar, pegam as caixas e, antes da hora, começam a guardar os brinquedos.

O REFEITÓRIO



Imagem 10

Incentivamos as crianças maiorzinhas a se alimentarem sozinhas
(BRASIL, 2009, p.20)

O refeitório é utilizado, na parte da tarde, para o lanche e para o jantar. No horário estabelecido para a turma observada, todas as crianças são chamadas e saem da sala a caminho do refeitório. Nele encontram 2 mesas compridas e baixas; 48 cadeiras para as crianças; 4 mesas para bebês com 4 cadeirinhas cada; 2 ventiladores e 1 mesa alta.

No início do ano, as crianças utilizavam as cadeirinhas de bebê e sempre recebiam a comida na boca. Aos poucos, foram deixando as maiorzinhas comerem sozinhas, depois começaram a sentar-se à mesa enquanto as menores ainda ficavam nas cadeirinhas. Quando a maioria já estava andando e comendo sozinha, todas as crianças passaram a fazer as refeições na mesinha com as cadeiras.

Na hora do lanche, por ser um tempo curto, as monitoras colocam o lanche na frente de cada criança e, quando se ela diz não querer, insistem algumas vezes; se realmente não quiserem, jogam no lixo. Quando a maioria já está terminando de comer, recebem as canecas com suco para todos. Aos poucos, os copinhos com tampa foram substituídos pelas canecas de plástico – iniciando pelas crianças maiorzinhas até todas utilizarem as canecas. Quando terminam, as monitoras colocam suas canecas no balde e chamam todas as crianças para voltarem para a sala. Normalmente, a outra turma já está na porta esperando para sair.

Na hora do jantar, quando as crianças chegam ao refeitório todos os pratos já estão prontos em cima da mesa, porém, sempre estão muito quentes, ao ponto de ser necessário mexer prato por prato para esfriar a sopa antes de entregar às crianças. Algumas crianças são auxiliadas para comerem sozinhas e, às vezes, a monitora dá a comida para alguma criança maiorzinha que pede “ajuda”, por ver seu amiguinho sendo ajudado.

Quando come tudo, é permitido que a própria criança leve seu prato até o balde, mas apenas nessa ocasião porque, por ser sopa na hora do jantar, se não estão com o prato limpo, derramam facilmente pelo refeitório. Elas levantam da cadeira, andam até o lixo, fazem movimentos de estarem jogando o resto, que não existe, no lixo, depois jogam o prato no balde e voltam para a cadeira. Essa é uma das maneiras de brincar recorrendo à fantasia e imaginação, mesmo em um momento de controle e contenção. No início, algumas crianças jogavam o prato

direto no lixo e conforme foram auxiliadas e informadas sobre o processo, pararam com isso.

Assim que todas terminam, as mãos e bocas são higienizadas pelas monitoras com uma fralda úmida, pois não há torneiras na altura das crianças no refeitório e nem na sala, e recebem a água nos copinhos; também retiram o babador, mas algumas já estão sem por não gostarem de utilizá-lo, e voltam para a sala.

CAPÍTULO III – AS MONITORAS

3.1 - A formação profissional das monitoras do Maternal I

As profissionais docentes das creches de Santa Bárbara d'Oeste que atuam diretamente com as crianças são denominadas de “monitoras de creche” e são contratadas através de concursos públicos, nos quais a exigência mínima para ocupar o cargo é o ensino médio completo.

Após entrevista realizada com 6 monitoras que educam crianças de 1 a 2 anos e trabalham na sala denominada maternal I, apresentam-se abaixo dados com a habilitação profissional dessas mulheres representadas por nomes fictícios para não serem identificadas.

Abaixo, há uma tabela com a formação das monitoras da sala de maternal I.

Tabela1. Formação das Monitoras de Creche da Sala Maternal I - ano 2013

Monitora	Ensino Médio Completo	Cursando Pedagogia	Pedagogia
Joseane		x	
Silmara	x		
Michele	x		
Vivian			x
Giovana	x		
Joana		x	

Observa-se, no quadro, que das seis monitoras que trabalham com essas crianças, três delas possuem o ensino médio, duas estão cursando pedagogia e uma é formada em pedagogia. A pesquisadora começou a trabalhar no cargo de Monitora de Creche na rede municipal de educação da prefeitura de Santa Bárbara d'Oeste quando estava no oitavo semestre do curso de pedagogia, da Universidade Estadual de Campinas e, ao observar a formação profissional das monitoras de creche, logo no início, questionou-se: por que a secretaria de educação exige como grau mínimo o ensino médio completo para um cargo em que a profissional trabalhará com a educação das crianças pequenas? Quais são os cursos em formação continuada que a secretária de educação oferece para as profissionais

que atuam diretamente com as crianças na educação infantil? Só porque são crianças pequenas não precisam de profissionais habilitadas?

Ao refletir sobre a predominância do gênero feminino na docência das crianças pequenininhas e pequenas, Cerisara cita que aparecem “como referencial a vida no lar, o trabalho doméstico, a maternagem, a socialização recebida para a vida doméstica.” (Carvalho,1992, p.10 apud Cerisara, 2002, p 27) as mulheres seriam consideradas aptas, *a priori*, para cuidar de crianças.

No edital do último concurso, a função de monitora de creche estava especificada da seguinte maneira:

Monitor de creche: Executar atividades relacionadas aos processos e procedimentos de atendimento, acolhimento e estimulação das crianças sob orientação de profissionais da educação infantil. (2011 e 2012)

Nota-se que não há uma descrição específica da função da monitora e que essa não é considerada uma profissional da Educação Infantil. Será que isso acontece por não exigirem uma formação profissional?

Em outros concursos para o mesmo cargo, existem as seguintes atribuições:

2006 e 2007(1):

ATRIBUIÇÕES PARA O CARGO DE MONITOR DE CRECHES Cuidam de bebês, crianças, a partir de objetivos estabelecidos pela administração, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer das pessoas assistidas.

2007(2) e 2009:

ATRIBUIÇÕES PARA O EMPREGO DE MONITOR DE CRECHES
Trocar fraldas, dar banho e zelar pela higiene da criança; dar mamadeiras segundo as normas adequadas quanto à posição e horários; manter o banheiro seco e limpo e as toalhas e roupas nos respectivos lugares; servir as refeições nos horários estabelecidos pela creche, estimulando a criança a comer; lavar e esterilizar os brinquedos do berçário, responsabilizando pela sua conservação e higiene; manter as chupetas e mamadeiras esterilizadas; incentivar a aceitação por parte das crianças de alimentos definidos pelos técnicos da área; utilizar as informações já existentes e procurar apoio da Equipe Técnica para adquirir mais informações, objetivando conduzir melhor o período de adaptação da criança a Creche; cuidar da higiene corporal e da proteção contra temperatura excessiva; proteger as crianças contra acidentes e quaisquer outros riscos; cuidar da desinfecção do ambiente físico especialmente do berçário e das salas de recreação; receber e entregar as crianças aos pais ou responsáveis;

participar e colaborar nas atividades cívicas, culturais e educativas em que a Creche estiver envolvida; buscar numa perspectiva de formação permanente, o aprimoramento do seu desempenho profissional e ampliação do seu conhecimento; prestar primeiros socorros sempre que necessário; estimular a formação de hábitos de higiene e saúde como: escovar os dentes, tomar banho, ter independência nas necessidades fisiológicas através de informações, de acompanhamento e orientação no momento oportuno e participar das ações auxiliares da unidade de ensino, quando eleito ou designado.

Os editais estão sempre mudando de acordo com cada administração, mas o ponto em comum observado em cada um deles é o aspecto higiênico-sanitário no cuidado com a criança como único trabalho da monitora. Essas mudanças nos editais confundem ainda mais as monitoras que não tem claro quais são as atividades que devem ser realizadas por elas, ficando explícitas, apenas, as atividades de aspecto higiênico, semelhante à parte do trabalho doméstico.

Se as atividades de rotina diária de uma instituição de educação infantil guardam estreitas semelhanças com o trabalho doméstico (banho, alimentação, sono, fraldas etc.) essas práticas não se mesclam necessariamente? Se isso ocorre, quais as consequências? Será possível pensar em um trabalho com crianças dessa faixa etária sem que a profissional recorra aos saberes *naturais* gestados na vida doméstica? Serão excludentes a postura maternal das profissionais de educação infantil e a competência profissional necessária para o exercício dessa função? (Cerisara, 2002, p.47)

Com seus questionamentos, Cerisara mostra dúvidas sobre o trabalho realizado na creche com referência no trabalho do lar. Esse trabalho não é totalmente negativo, já que é de necessidade da criança pequena, incluindo também posturas de cuidados.

Ongari e Molina (2003) colocam em seu livro parte da resposta de uma entrevistada, referindo-se ao trabalho com crianças pequenas.

Você não tem de dar conta de uma família, é um trabalho completamente diferente. Quer dizer, você está com os colegas, faz um determinado trabalho, que seja um trabalho que também envolve um lado afetivo, digamos, eu concordo, mas...(entrevista 1) (p. 93)

Existem especificidades na docência da creche, as quais somente quem tem uma formação voltada à Educação Infantil conhece e com isso consegue

desenvolver um trabalho sem a separação do pensar e do fazer, que, muitas vezes, ocorre na profissão de professor X a profissão de monitora.

3.2 – A identidade profissional das monitoras da creche

Na turma do Maternal I, apenas a pesquisadora não é mãe. As outras cinco monitoras são, variando de 1 a 3 filhos cada. Observou-se que na creche a maioria das monitoras são mães. Os dados demonstram que em certas situações a experiência pessoal de cada uma facilita os cuidados de higiene das crianças, pois no início, embora já fosse aluna no curso de pedagogia, devido a falta de experiência na esfera familiar com crianças pequenas demora-se algum tempo para aprender a trocar fraldas, dar banho em criança pequenininha.

Assim como Bufalo (1997), observei que as monitoras efetivas baseavam suas práticas em suas vivências como mãe(...) (Alvares,2009, p.4)

Ongari e Molina (2003) no livro: *“A educadora de creche: construindo suas identidades”* nos traz também a questão do familiar x profissional

Na creche, o entrelaçamento entre a experiência familiar (feminina e de mãe) e profissional é particularmente acentuado, tanto em relação ao cuidado com os próprios filhos, como em relação à divisão de responsabilidade com os pais das crianças que lhe são entregues: a educadora desenvolve profissionalmente funções de cuidado especificamente ligada, na nossa cultura, ao ‘papel materno’; em muitos casos tem filhos da mesma idade das crianças de que cuida (e ela mesma os deixa, portanto, com outras); está, além disso, frequentemente muito próxima das mães que utilizam a creche (pela idade, nível de instrução, porque ela também tem filhos pequenos, etc.). (p.114 e 115)

De acordo com Búfalo (2009), apesar do que Ongari e Molina (2003) apresentam acima, em seu artigo “O imprevisto previsto”:

A criança que está na creche tem também um contexto de vida particular, devendo estabelecer nesse espaço vínculos afetivos que são diferentes dos de casa. Essa distinção entre os vínculos é muito importante, pois a monitora não substitui a mãe. A criança não é apenas o filho deixado pela mãe na creche, mas também a pessoa que vai à creche para conviver com outros adultos, com outras crianças em idades iguais e diferentes e que, ao conviver com essas diferenças, terá a possibilidade de viver as várias dimensões humanas (Búfalo, 1999, p.127)

Percebe-se que não só em Santa Bárbara, mas em todas as creches que contratam monitoras sem formação acadêmica para a Educação Infantil, estas se baseiam em suas experiências pessoais para realizarem seu trabalho, já que não possuem formação profissional que dialogue com as especificidades da educação das crianças pequenas que frequentam essa primeira etapa da educação básica.

A criança de 0 a 6 anos é um ser extremamente dependente do adulto em muitos aspectos, o que faz com que esta faixa etária acabe por requerer tanto da família como da creche atividades ligadas ao cuidado e à educação, que são semelhantes, embora em cada uma das instituições, por suas características privada ou pública, tenham a sua especificidade. (Búfalo, 1999, p.127)

Segundo Cerisara:

Não há como manter uma atitude de impessoalidade e distanciamento nem com as crianças, nem com as famílias das crianças, nem com as colegas de trabalho. A presença maciça de mulheres, o predomínio de formas femininas de relacionamento entre elas, a organização do espaço físico (que lembra o de suas casas), as práticas desenvolvidas, utilizando objetos vinculados ao universo doméstico, tais como cama, colchões, banheiras, fraldas, chupetas, mamadeiras, ajudam a confirmar a presença de um universo onde estão presentes práticas femininas domésticas e ausentes as práticas femininas profissionais (2002, p.64)

Cerisara (2002) questiona se esta prática voltada às atividades domésticas é realmente negativa. Apesar de não ser a única dentro de uma instituição de educação infantil, é uma das práticas necessárias devido às necessidades das crianças no período em que estão na creche. Mas a afetividade não é sempre amor e carinho, pode ser todos os outros sentimentos. A profissional de Educação Infantil tem que respeitar a criança que atende independente do sentimento por ela. E esse atendimento deve ser de qualidade. A creche é um espaço para viver as relações sociais distintas entre as crianças e entre as crianças e as adultas. Esses sentimentos influenciam na organização do espaço, na manifestação do cuidado, na preocupação com o outro, e a afetividade profissional não pode impedir a construção da autonomia das crianças.

Ongari e Molina (2003), sobre o emocional, trazem no livro “A educadora de creche: construindo suas identidades.” que:

[...]o componente emocional constitui, sem dúvida, um dos aspectos centrais da relação educativa e de cuidado com as crianças muito

pequenas. Trata-se de emoções e sentimentos complexos, cheios de nuances, que são difíceis de decifrar e de categorizar, ainda que pelos protagonistas e [...] que o afeiçoar-se do adulto tem como objetivo necessário a possibilidade de cumprir, da melhor maneira possível, a própria tarefa educativa (p.122 e 124).

Uma educadora de Módena¹, citada por Ongari e Molina (2003), apresenta uma síntese do que entende sobre o afeto na educação infantil e afirma que consiste em:

estabelecer uma relação de afeição recíproca entre educadora e criança que propicie, para esta, a possibilidade de exprimir-se (através de curiosidades, emoções) e de relacionar-se com os outros adultos e crianças da mesma idade. (p. 124)

Assim, Ongari e Molina (2003) concluem que:

Portanto, o sentimento que se experimenta pelas crianças é utilizado de maneira pedagógica para identificar melhor e mais detalhadamente as práticas de cuidado e para criar uma atmosfera que facilite uma relação de crescimento em sentido educativo. (p.124)

Para Búfalo:

Ao entender a creche como um espaço da e para a criança, onde ela possa realmente ser criança, brincando, inventando, produzindo conhecimentos e tendo também acesso aos conhecimentos já existentes, a prática educativa que se estabelece neste contexto é fundamental. Portanto, a formação dos profissionais de creche é essencial para cuidar de e educar as meninas e meninos enquanto tarefa complementar à da família. (Búfalo, 1999, p.120)

A ausência de formação profissional faz com que muitas monitoras sustentem suas ações e decisões na experiência e na formação recebida em serviço.

¹ É uma comuna italiana da região da Emília-Romanha

Tabela2. Tempo de Trabalho

Monitora	Tempo de Trabalho	Recebeu Alguma Instrução no Início
Joseane	8 meses	Não
Silmara	18 anos	Não
Michele	2 anos e 4 meses	Não
Vivian	13 anos e 6 meses	Não
Giovana	5 anos	Sim, 1 semana de capacitação
Joana	1 ano e 2 meses	Não

Nas entrevistas realizadas em outubro de 2013, observa-se que de 6 monitoras, uma, antes de começar a trabalhar, recebeu uma semana de capacitação organizada pela Secretaria Municipal de Educação. Esses dados sugerem uma situação de não valorização das monitoras de creche que, segundo Alvares (2009), também ocorreu na cidade de Campinas e em outros municípios da região, nos quais há também uma forte hierarquização entre monitoras e professoras.

Essa hierarquização tem sido evidenciada por meio de indicadores concretos, tais como carga horária semanal de trabalho, salário, formação, divisão de tarefas. (Cerisara, 2002, p.72)

Beauchamp defende sobre a qualificação da Educação Infantil que:

Concretizar as ações determinadas pela LDB – integrar as creches aos sistemas educacionais e habilitar professores – é uma forma de qualificar a Educação Infantil. O atendimento de zero a seis anos deve ser tratado como um processo contínuo, rompendo com antigas concepções de que nas creches (zero a três anos) deveriam predominar os cuidados com a higiene, a saúde e a alimentação, ... (Beauchamp, 2005, p.10).

A SME realiza o PAPI, a formação das monitoras, e está aos poucos transformando essa visão de que na creche deve existir apenas o cuidar. A este respeito Alvares critica:

Não se pode separar o cuidar do educar. Mas, como convencer as pessoas disso se há duas categorias de profissionais que realizam o mesmo tipo de trabalho e recebem salários tão diferentes? Pode-se justificar tal fato pela falta de formação na área da educação pelas monitoras? Sendo assim

como elas poderão cuidar e educar as crianças pequenininhas? (Alvares, 2009, p.33)

As crianças não possuem hora para aprender. A todo o momento, em qualquer atividade, qualquer interação com as outras crianças; com as monitoras; com a família; com objetos; com seu próprio corpo, produz saberes. Muito embora várias profissionais assumam a docência na Educação Infantil, é a graduação em pedagogia atenta às especificidades da infância o que merecem nossas crianças, sendo programas aligeirados, como o ProInfantil, uma forma de precarizar o trabalho nas creches e pré-escolas.

Álvares, em seu trabalho de conclusão de curso, escreve sobre a formação que as novas monitoras contratadas, em regime emergencial, tiveram por parte da Secretaria de Educação de Campinas em 2008.

Diante da diversidade e variedade de temas que permeiam a educação infantil, e da falta de conhecimentos teóricos e práticos das novas monitoras, o governo municipal proporcionou apenas dois dias de formação para os recém contratados. Apesar de o curso ter abordado questões importantes do trabalho, percebi que as dúvidas das novas monitoras se multiplicaram. Porém, a tarefa de esclarecer as dúvidas que ainda restavam ficou sob a responsabilidade da equipe de cada CEMEI. (2009, p.31)

Ela afirma que essa formação acontecia conforme era atingido certo número de contratadas. Com isso, algumas começavam a trabalhar antes da formação e outras recebiam-na antes de conhecer a realidade do seu local de trabalho.

Será que foi uma boa formação? Alvares considerou os temas escolhidos como importantes, porém afirmou que “tal curso foi insuficiente para a formação das novas monitoras.”(2009, p.32) argumentando que:

Para entender as complexas relações que se estabelecem nas creches, a diversidade e o embate entre as diferentes culturas as pessoas que trabalham neste rico ambiente precisam de uma sólida formação. Formação esta que deve possibilitar a reflexão e se dar de modo contínuo para acompanhar as transformações sociais e culturais que não param de acontecer. (Alvares, 2009, p.33)

3.3 O PAPI

O Programa de Apoio a Primeira Infância – PAPI – é oferecido para as monitoras de creche da rede pública municipal de educação, sua realização é de duas horas e faz parte da carga horária semanal. É realizado pela coordenadora de cada creche com encontros semanais em cada unidade. Também é realizado na secretaria de educação, com encontros quinzenais, com uma carga horária dupla.

Durante o PAPI, são realizadas palestras, trocas de experiências, são compartilhadas ideias que fomentam a reflexão sobre o trabalho. Alguns temas, às vezes, são trabalhados em mais de um encontro. Desses, relacionam-se abaixo alguns estudados durante o ano de 2013.

TEMAS DO PAPI
*Texto para melhores relações pessoais
* Autoestima, autoconceito, autoimagem
* Imitação
*Medo
*Texto para estimular a leitura
*Projetos didáticos
*Texto falando sobre nossas decisões (“Nós somos a soma das nossas decisões”)
*Texto sobre o que um educador pode fazer
*Texto: a magia da comunicação
*Observação e análise de projetos
* Iniciando a construção do projeto
*Texto incentivando o amor próprio antes do amor ao próximo
* Texto: Coisas de criança/ Todo mundo igual/ Todo mundo diferente
*Texto: como montar um projeto

*Texto: As coisas que a gente fala
* Vários tipos de choro
* Texto sobre movimentos (crianças nascem se movimentando)
* Texto: um meio ou uma desculpa
* Texto sobre brincadeiras
*Texto: assim se forma a identidade
* Identidade e Autonomia
* Texto: A floresta ameaçada. (comportamento funcionárias)
*Brincadeiras
*Confecção de pequenos brinquedos
*Chupeta/Mamadeira
*Sexualidade

Percebe-se, na lista, que os assuntos escolhidos abrangem temas relacionados à educação das crianças pequenas; a relação com as famílias e a relação interpessoal desenvolvida entre as monitoras.

O trabalho com temas sobre a relação das monitoras com as famílias e principalmente da relação entre as próprias monitoras se fizeram de extrema importância.

Para as monitoras, principalmente as que não possuem graduação em pedagogia, o PAPI tem grande relevância, pois nele tiram suas dúvidas sobre as crianças e o trabalho com elas, obtém informações para a melhoria de suas atividades e seus planejamentos na creche. Para as que trabalham há alguns anos, os temas acabam se tornando repetitivos, embora nunca sejam trabalhados da mesma maneira. Isso se dá pela necessidade de retomar o tema, constatado pelas supervisoras, pela constante entrada de novas monitoras na rede, tendo que voltar a

temas principais para quem ainda não teve formação e também pela constante troca da gestão na prefeitura e na SME.

O mês de julho é outro período de formação para as monitoras, que saem para recesso junto com as férias das crianças e voltam uma semana antes. Nessa semana, sem crianças, a Secretaria da Educação organizou um encontro, com duração de três dias, para uma formação coletiva, com todas as monitoras da rede. Os outros dois dias são utilizados para planejamento da semana de retorno das férias das crianças, organização da sala e dos materiais que serão utilizados.

Neste ano, no primeiro dia de formação, o encontro aconteceu no teatro municipal da cidade, onde as monitoras foram recebidas pelo prefeito e a secretária de educação².

Depois deles, as coordenadoras da secretaria de educação também utilizaram o tempo para falarem sobre o segundo semestre e suas ideias e desejo de mudanças, já que era o primeiro ano de todas e do prefeito nessas funções. No segundo e terceiro dias, foram organizadas em grupos por proximidade das unidades e depois em subgrupos por idade das crianças e foram ofertadas mini palestras, diferenciadas pela faixa etária das crianças.

Os encontros do PAPI sempre foram tranquilos e, apesar dos temas importantes e necessários, eram trabalhados de maneira mais informal, já que os grupos eram pequenos e as monitoras conhecidas.

Os temas discutidos eram escolhidos, na maioria das vezes, pela SME, que realizava um encontro com as coordenadoras de cada creche para passarem o que gostariam que fosse trabalhado. Porém, a coordenadora tinha autonomia para mudar o tema e/ou o texto, de vez em quando, caso houvesse necessidade naquela creche.

Porém, esses encontros não substituem a formação específica para a educação de crianças pequenininhas. É extremamente necessária a formação em pedagogia para esse e qualquer outro trabalho educacional infantil, para que não

² O primeiro dia da Semana da Educação aconteceu no teatro municipal no dia 24 de julho de 2013. O prefeito é Denis Andia e a secretária de educação é Tânia Mara da Silva. Este foi um momento de recepção no qual a secretária também expôs suas ideias para o segundo semestre.

haja equívocos com as crianças pequenas e também para que o trabalho não fique restrito apenas ao 'cuidar'.

3.4 A autonomia das crianças para as monitoras

Tabela3. Questão1

MONITORA	Para você, o que é uma criança autônoma?
Joseane	É aquela criança que toma decisões sozinha e que precisa de pouca intervenção do adulto.
Silmara	É uma criança capaz de escolher e tomar decisões das suas atitudes próprias.
Michele	É aquela criança que já domina "certas" coisas sozinhas (comer, resolver situações) e outras coisas mais.
Vivian	É uma criança que já consegue se comunicar, andar, comer sozinha e que resolve determinados problemas que surgem no decorrer do dia.
Giovana	É uma criança que já consegue realizar algumas atividades (correr, brincar, comer, se comunicar e manifestar os seus desejos) sem ajuda dos adultos.

Nessa primeira questão, as monitoras consideram que a criança sente desejos e realiza suas ações de acordo com sua vontade. Porém, fica bem evidente a questão do "fazer sozinha". *Ela come sozinha, ela anda sozinha, ela bebe água sozinha.*

Necessitamos de independência para suprir nossas necessidades biológicas, psicológicas e sociais. Esta independência é construída gradativamente por parte de nós mesmos e de outros. Por isso é preciso aprender e é preciso ter a oportunidade de aprender. Isso implica numa relação com as outras pessoas também dotadas de individualidades, ou seja, uma relação social. (Demetrio, 2006, p.7)

Falk (2011), a partir de um exemplo da relação da criança com a educadora, em que durante uma troca de fralda é entregue um brinquedo à criança para que se distraia e a educadora possa trocá-la rapidamente, depois, pede ajuda à criança para vestir a roupa, mas ela continua entretida com o brinquedo, cita que:

Apenas a partir do momento que a educadora considerou necessário para facilitar seu trabalho, tentou – sem sucesso- conseguir a participação da criança (2011, p.87)

A autonomia da criança não é construída em momentos ‘picados’, decididos por adultas ou adultos. A autonomia se dá a partir da participação das crianças em todos os momentos e escolhas que se referem a seus próprios desejos.

Evitaríamos muitos problemas se, desde o começo, considerássemos o cuidar como um momento íntimo, pleno de comunicação. O bebê não deveria ser considerado como um simples objeto de cuidado, mas como uma pessoa que tem uma influencia sobre os acontecimentos e que estabelece relações, um verdadeiro companheiro que sente melhor o amor de seus pais se eles, tendo em conta suas necessidades, dedicam-lhe uma atenção de qualidade. (Falk, 2011, p.34)

Segundo Demetrio (2006):

a criança que brinca, sonha, cria, experimenta, explora, sente, ‘faz de conta’, inventa, encanta... o faz com alegria, com seriedade, tristeza, raiva... É na brincadeira que a criança pode ser autora de suas próprias ações, escolhendo, elaborando e manifestando suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo experimentar um pensar e solucionar problemas, de forma livre, das pressões situacionais da realidade imediata. E a brincadeira, direito que, atualmente, dado o contexto histórico-social, muitas vezes e de diversas maneiras está sendo desrespeitado, terá reflexos sobre toda a sua vida escolar e social. (p.15)

Quando interfere-se nas brincadeiras das crianças, nas regras que elas criaram, é possível que as adultas estejam impossibilitando o exercício da autonomia?

Estudos existentes dentro das Ciências Sociais mostram as crianças pequenas como pessoas autônomas, com personalidade e individualidade próprias, sujeitos de direitos, capazes de múltiplas relações, portadoras de história, construtoras das culturas infantis. (Demetrio, 2006, p.16)

Tabela4. Questão2

Monitora	O que você considera necessário para uma criança ser autônoma?
Joseane	É necessário que a criança consiga resolver seus pequenos problemas sozinha. É necessário que ela seja independente, de acordo com a sua idade.
Silmara	Que ela realize atividades para satisfazer suas necessidades.
Michele	Muito estímulo
Vivian	Estímulo e encorajamento.
Giovana	É necessário encorajá-la, estímulos constantes e também oferecer oportunidades.

Chamam a atenção, nessa questão, as palavras “estímulo” e “encorajamento”. Porque precisamos estimular e encorajar uma criança a fazer o que ela quer? Num primeiro momento, pode-se não entender a resposta, porém, um episódio ocorrido na creche demonstra como isso é necessário.

A criança estava andando pela sala cheia de brinquedos e encontrou um brinquedo ou um objeto de interesse e começou a brincar. Outra criança viu, interessou-se, aproximou-se, pegou o brinquedo da mão da primeira criança e saiu correndo para brincar. A segunda criança quis aquele brinquedo e foi atrás para consegui-lo. Já a primeira criança, depois de ter perdido o seu brinquedo, olhou rapidamente para uma adulta e emitiu um som ao mesmo tempo em que apontava na direção da outra que estava brincando com seu brinquedo. Ela quer o brinquedo de volta, mas não vai buscá-lo, às vezes, nem sai do lugar que está, fica esperando o brinquedo voltar as suas mãos para continuar a mesma brincadeira. E, às vezes, levanta e vai até a monitora para ter certeza de que ela está vendo e entendendo o que quer. Ela apenas demonstra sua vontade a uma adulta, para que esta vá atrás e pegue o brinquedo de volta para ela.

Nessas situações, é necessário dizer “Você quer aquele brinquedo? Então levanta e vai buscar”. Se não “ajudar” dessa maneira, a criança vai querer o brinquedo, mas vai ficar sem porque não age para conseguir o quer, apenas demonstra seu desejo para que os outros o realizem.

Porém, diversas vezes, as próprias adultas resolvem o problema, incentivando as crianças a não irem atrás dos seus desejos e considerando, assim, a outra postura como indisciplinada.

Santos (2010), em seu trabalho de conclusão do curso de pedagogia, pesquisou a respeito das relações que se estabelecem no espaço da creche, entre as crianças e os adultos e entre as próprias crianças, tendo como enfoque principal os momentos de conflito (mordidas, empurrões, tapas, entre outros.) que são muito comuns nessa idade e:

Deste modo, é fundamental que os educadores e educadoras aprofundem suas reflexões sobre as relações estabelecidas entre as crianças, e assim não aceitem a ideia de disciplinamento, tão presente no cotidiano das instituições educacionais, inclusive na educação infantil, como o único caminho possível, e sejam capazes de se apropriar de um novo modo de olhar para as crianças e seus comportamentos, valorizando sempre suas brincadeiras e as diferentes linguagens infantis. (Santos, 2010, p.4-5)

Segundo Santos (2010), a disciplinarização não é necessária, precisa sim valorizar a criança, seus desejos, suas brincadeiras, suas relações, seus modos, do jeito que é. Obrigá-las a ser ou a fazer, do modo que as monitoras desejam, influenciará nas crianças que não conseguirão ser elas mesmas, muito menos autônomas.

O que vemos, portanto, é a separação entre mente e corpo, isto é, a criança pequena deve apresentar comportamentos considerados ‘corretos’, sem choro, sem briga, sem correr, sem subir, dormir e comer na hora certa, entre outros, pois se não agir desta forma é rotulada como ‘indisciplinada’, sem limites, sem respeito. (Santos, 2010, p. 28)

Santos (2010, p. 61) reflete sobre a “importância de ouvirmos as crianças”, de todas as suas maneiras de ‘falarem’, para que se possa proporcionar-lhes maior autonomia, para que sejam capazes de diversificar suas relações e construir um aprendizado junto aos adultos.

Tabela5. Questão 3

Monitora	O que você e sua equipe fazem para ajudar na construção da autonomia das crianças da sua turma?
Joseane	Incentivamos e damos liberdade para que ela se autogoverne.
Silmara	Realizamos atividades criando desafios para que a criança possa superá-los
Michele	Fazer brincadeiras e atividades que possam estimulá-los.
Vivian	Cria situações e oferece as oportunidades para seu desenvolvimento.
Giovana	Estimulamos, criando situações e proporcionamos experiências.

Planejar e organizar o tempo, espaços e materiais para que a criança possa superar desafios, exercitar a curiosidade, a imaginação e a fomentação de questionamentos faz parte da profissão docente das profissionais que atuam com crianças pequenas na creche. A criança pequena precisa ter a oportunidade de escolher o que quer e o que não quer dentro das possibilidades oferecidas e das encontradas por ela, principalmente as que não são oferecidas pelos adultos.

Para ter essa oportunidade é necessário um planejamento que

[...]na educação e aqui, em específico, na educação infantil de crianças de 0 a 6 anos, é um dos pilares do trabalho pedagógico, para que se pense previamente o que e como será o trabalho da educadora/professora junto à criança. (Búfalo, 1999, p. 120)

Segundo Búfalo (1999), esse planejamento faz parte do processo educativo e todos, inclusive as crianças, mesmo que indiretamente, devem colaborar para a elaboração dele. Ao citar Catarsi, a autora apresenta uma reflexão dizendo que esse planejamento não precisa ser seguido com extrema rigidez, mas que em sua “elaboração todos participem e levem em conta a observação constante das

necessidades infantis”. Imprevistos podem surgir e as educadoras precisam ser flexíveis para mudanças de planejamento.

O adulto pode ser considerado também um aprendiz na medida em que, ao observar, conhece a criança e responde (ou ao menos tenta) às necessidades e ao inesperado. (Búfalo, 1999, p.121).

Os planejamentos precisam ser elaborados, levando em consideração também as crianças, seus desejos, de acordo com cada turma sendo impossível utilizar o mesmo planejamento para diferentes turmas e/ou utilizar em diferentes anos. E, principalmente, é necessário aceitar os imprevistos e realizar mudanças durante o dia.

Enfim, é primordial que ao organizarmos ‘nossas ordens’ como adultos não destruamos as produções realizadas pelas crianças, e sejamos capazes de reconhecê-las como investigadoras, autônomas e expressivas, que devem ter seus direitos assegurados, principalmente no que se refere ao direito de brincar, de estabelecer vínculos afetivos e de trocas com adultos e crianças, expressando assim seus sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades. (Santos, 2010, p.5)

De acordo com Búfalo (1999), as monitoras/professoras então:

devem organizar o tempo e o espaço criando ambientes educacionais diferentes da casa, da escola e também diferentes das instituições ligadas à área da saúde- o que acontece em muitos lugares onde a creche assemelha-se muito a uma organização hospitalar em que há, por exemplo, uma preocupação excessiva com a higiene. (p.120).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos**

(Manoel de Barros)

Uma das propostas deste trabalho foi a de analisar as crianças diante das situações ocorridas na creche. Como elas reagiam com as imposições das adultas? Como reagiam diante da cumplicidade das adultas e das outras crianças?

Nessa pesquisa, constatou-se o que aparentemente pode-se pensar que é o óbvio: todas as crianças são diferentes umas das outras. É possível observar situações das crianças que fazem o que pensam - são autônomas – e não se preocupam com as adultas, nem sentem medo, porém não ignoram as adultas. As monitoras, na creche, fazem parte das suas vidas. Observou-se que existem prazeres, preferências, afeições, raiva, enfim, multiplicidades de sentimentos, que dinamizam as relações sociais ali vividas.

As crianças não vivem como se estivessem sozinhas, elas se relacionam com as adultas e com as outras crianças, demonstrando todo o tempo seus desejos e tentando realizá-los. Algumas vezes têm sucessos, outras vezes não, mas observando essas situações, vê-se quando ambas as partes, monitoras e crianças, criam negociações. Para algumas pessoas, essas crianças podem ser vistas como “desobedientes, rebeldes” (Santos, 2010), pois tentam realizar os seus desejos. Por outras, essas crianças são crianças!

Foi possível observar também situações de crianças que sentiam desejos, mas nem sempre agiam por si próprias. Às vezes, acabavam pedindo para as adultas fazerem algo que elas mesmas poderiam fazer. Será que essas crianças, em algum momento, foram privadas de realizar seus desejos e não se encorajam nos momentos que necessitam? Ou será apenas seu jeitinho de ser? Um jeito de ser autônoma em sociedade? Algumas vezes, essas crianças são vistas como “moles”, pois não realizam seus desejos. Percebe-se certa contradição nessas situações, quando as crianças fazem o que querem, contra a vontade de uma adulta, ela é

desobediente, mal educada. E quando uma criança não faz, ela é “mole, preguiçosa”.

As adultas, em alguns momentos, mostravam-se autoritárias, mas observando as crianças, não se encontram situações de medo. As crianças questionaram as atitudes das monitoras, demonstrando o interesse em continuar com as atividades que eram interrompidas e demonstraram dentro das relações estabelecidas que há a necessidade de cumplicidades entre crianças e adultos.

Durante a pesquisa, percebeu-se grande ligação do tema com a formação das profissionais da creche. E a outra proposta então foi a de analisar quais são as práticas pedagógicas que estão sendo exercidas pelas/com as monitoras para colaborar ou não com a autonomia das crianças da creche. Em algumas situações, na tentativa de exercerem sua autonomia, as crianças, conforme os dados demonstram, eram vistas como rebeldes e desobedientes, condizendo com Santos (2010), e tinham seus desejos reprimidos, mas, em outras situações, as monitoras colaboravam para que a criança realizasse o que pretendia.

As hipóteses levantadas foram que, para as monitoras, uma criança autônoma é uma criança que consegue andar sozinha, comer sozinha, ir ao banheiro sozinha. Enfim, há uma ênfase no “fazer sozinha”. Mas, no coletivo da creche, ela não consegue ficar sozinha e nem deseja estar. As crianças demonstram que precisam e vão além do “fazer sozinha”, a todo o momento, elas buscavam desafios, questionavam, pois demonstram seus desejos e a vontade de realizá-los.

A formação profissional da maioria das monitoras é insuficiente para que essas, na construção de um trabalho pedagógico, reconheçam e respeitem as especificidades das crianças. Os dados mostraram que as monitoras, na maioria das vezes, possuem um saber superficial sobre as crianças por não terem um estudo aprofundado sobre elas. Mesmo nessas condições, as monitoras mostraram-se abertas a dar possibilidade para o exercício da autonomia das crianças e reconheceram a importância dessa autonomia.

Pela falta de formação inicial das monitoras de creche, que discute as especificidades da educação infantil, a Secretaria Municipal de Educação oferece a

formação continuada, o PAPI. Esse projeto tem em seu objetivo amenizar a falta de habilitação das profissionais que atuam diretamente com as crianças, mas precisam ocorrer avanços nas discussões sobre a docência na educação infantil.

Uma constatação, importante e interessante, descoberta durante a pesquisa nessa creche, é que as crianças sempre resistiram e reagiram de forma criativa e muitas vezes de forma transformadora, sempre lutando para conseguirem exercer livremente sua autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Silmara Helena. **Novas Atrizes no Cenário da Creche**: Um estudo sobre a inserção de monitoras de educação infantil em um CEMEI de Campinas. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Diferentes tipos de pesquisa qualitativa**. In: Etnografia da prática escolar. 16ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2009, p. 27-33.

ARAÚJO, Joaquim Machado de; ARAÚJO, Alberto Felipe. Maria Montessori: infância, educação e paz. In: Oliveira Formosinho; Julia Kshimoto; Monica A. Pinazza. (Org.). **Pedagogia (s) da Infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007,, p. 115 – 144.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. RJ: Salamandra, 1999.

BEAUCHAMP, Jeanete. **Integração de creches e pré-escolas e habilitação de professores: qualidade na Educação Infantil**. In: Revista Criança do Professor de Educação Infantil. Brasil, 2005, p. 10-11.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Critérios para o atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. – 6.ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BÚFALO, Joseane Maria Parice. **O imprevisto previsto**. *Pro-Posições*. Campinas, v.10, n.1, (28), mar. 1999, p.119-131.

Creche. Projeto Político Pedagógico, 2012.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de Educação Infantil**: entre o feminino e o profissional. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMETRIO, Lucilene Maria Leandro. **A criança construindo sua autonomia**. Campinas. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas.

ELIAS, Marisa Del Cioppo; SANCHES, Emília Cipriano. Freinet e a pedagogia- uma velha ideia muito atual. In: Oliveira Formosinho; Julia Kshimoto; Monica A. Pinazza. (Org.). **Pedagogia (s) da Infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.145-170.

FALK, Juditt. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Loczy**. Araraquara: JM. 2004.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. e PALHARES, Mariana (orgs). **Educação infantil pós - LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores associados, 4ª edição, 2003, p.67-100.

_____, Ana Lúcia Goulart de. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: Oliveira Formosinho; Julia Kshimoto; Monica A. Pinazza. (Org.). **Pedagogia (s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 277-292.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 3ªed., 1999.

FOUCAULT, Michel. Prisão. Instituições completas e austeras In:**Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 36ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 215-242.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MUSATTI, Tullia. Modalidades e problemas do processo de socialização entre crianças na creche. IN: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (org.). **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 9ª edição, 1998, p.189-201.

ONGARI, Barbara. MOLINA, Paola. A dimensão afetiva do trabalho. In: **A educadora de creche: construindo suas identidades**. São Paulo: Cortez, 2003. P. 113-130

_____. As competências da educadora de creche. In: **A educadora de creche: construindo suas identidades**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 91 - 112

SABINO, Fernando. CAMPOS, Paulo Mendes. ANDRADE, Carlos Drummond de. BRAGA, Rubem. **Crônica** - Vol. 2 - 20ª Ed. 2011 - Col. Para Gostar de Ler.

SANTOS, Michele Aparecida dos. **Os conflitos entre as crianças pequenas na educação infantil: transgressão ou indisciplina**. Campinas, SP: [s.n.], 2010. .

Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas.

STAMBAK, Mira et al. **Os bebês entre eles**: descobrir, brincar, inventar juntos. Campinas: Autores Associados, 2011.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem**: agora chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____, Francesco. **40 anos com olhos de criança**. Porto Alegre, ARTMED, 2008, p.144.

Site: EDITAL DE CONCURSO

www.santabarbara.sp.gov.br visitado em 29/12/2013

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Idade: _____

1- Há quanto tempo você trabalha como monitora na creche? Quando você entrou na rede, deram alguma instrução? Algum curso?

2- Possui formação em pedagogia/magistério? Qual a sua escolaridade?

3- Já realizou cursos na área de educação? Quais/sobre o quê?

4- Os encontros do PAPI (Projeto de Apoio à Primeira Infância) te ajudaram no trabalho com as crianças? Como?

5- Para você, o que é uma criança autônoma?

6- O que você considera necessário para uma criança ser autônoma?

7- O que você e sua equipe fazem para ajudarem na construção da autonomia das crianças da sua turma?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

SALA

- *Onde ficam as mochilas? As crianças podem mexer nelas a qualquer hora?
- *Onde ficam as chupetas? As crianças podem chupar a qualquer hora?
- *Onde ficam os brinquedos? Podem ser pegos a qualquer hora pelas crianças?
- *O que fica no alto?
- *O que fica no baixo/chão? As crianças alcançam? Podem mexer?
- *Qual o local do lixo?
- *Tem aparelho de som e tv na sala? Quem mexe? Onde fica? Quem escolhe?
- *As crianças dormem quando estão com sono ou todas deitam no mesmo horário para dormir? E a criança que não quer dormir?

REFEITÓRIO

- * Como são as mesas e as cadeiras?
- *Onde fica o lixo?
- *Onde fica o balde para pratos e talheres sujos?
- *As crianças escolhem, no cardápio do dia, o que desejam comer?
- *E quando a criança não quer comer?
- *Observar se elas brincam quando estão sentadas aguardando a refeição.
- *O que dizem, seus gestos?

PARQUE

- *Há quantos parques?
- *DESCREVA O PARQUE
- *tem areia, têm brinquedos?
- *As crianças tiram o sapato?
- *Elas ficam sem sapatos?
- *E a que deseja ficar com sapato, fica?
- *Elas vão à areia?
- *Escolhem objetos para brincar no local?
- *Brincam do que?
- *Como descem do escorregador, de bunda, sentadas, deitadas, em pé?

*Sobem em árvores?

*Existem outros espaços??? Biblioteca, horta, jardim...

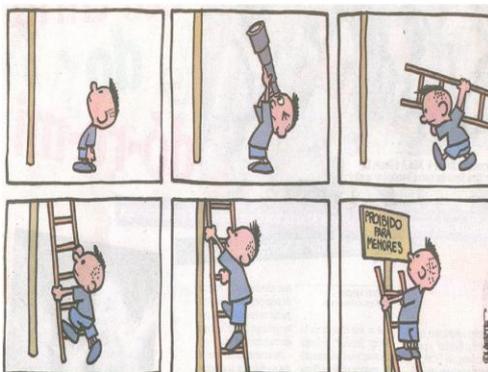
POSTER



A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS EM UMA CRECHE DE SANTA BÁRBARA DO OESTE- SP



FE-UNICAMP - GEPEDISC – CULTURAS INFANTIS
Autora: Jaqueline Sanches (jaqueline915@gmail.com)
Orientadora: Ana Lúcia Goulart de Faria (cripeq@unicamp.br)
Palavras-Chave: Criança – Autonomia - Creche



Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no ano de 2013 em uma creche pública do município de Santa Bárbara d'Oeste. Ele tem como objetivo mostrar a construção da autonomia das crianças dentro de uma creche, baseada nas observações e nas leituras realizadas.

Para a construção da autonomia das crianças na creche, cabe ao adulto proporcionar um ambiente organizado, para o exercício da descoberta do novo. Porém, a adulta pode possibilitar, favorecer, incentivos com os quais as crianças realizem suas vontades e façam suas escolhas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), volume 2, precisamos oferecer às crianças "oportunidades de escolha e de autogoverno" (p.39), sendo "preciso planejar oportunidades em que elas dirijam suas próprias ações, tendo em vista seus recursos individuais e os limites inerentes ao ambiente." (p.15) E elas devem "experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia" (p.27).

Referências Bibliográficas:

BARRIÈRE, Michèle; BONICA, Laura; MUSATTI, Michèle; RAYNA, Sylvie; STAMBAK, Mira; VERBA, Mina. **Os bebês entre eles**: descobrir, brincar, inventar juntos. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 1998

DEMETRIO, Lucilene Maria Leandro. **A criança construindo sua autonomia**. 2006. Monografia de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Yuan, Zhang. **Pequenas flores vermelhas**. [Filme]. Direção de Zhang Yuan . China, 2006. Duração: 92 min. Drama.